



## *Nem todos se calaram*

José Mattoso,  
Historiador

Numa das últimas crónicas do jornal *Público* escritas por Vicente Jorge Silva pouco antes de morrer, dizia, a propósito da pandemia que então começava a grassar por todo o mundo, que “a partir daqui nada será como dantes”. Não era o único. Referia-se à estrutura da sociedade. As profundas desigualdades existentes no mundo teriam de se esbater. Assim, por exemplo, era preciso dar a prioridade ao ensino e a saúde e não à economia. Como sabemos, procurou-se desde então sobreviver, e não tanto crescer. Sabemos como foi dolorosa a perda de muitos dos nossos familiares e amigos de que nem sequer pudemos despedir-nos, nem acompanhar ao túmulo. Passados os maiores riscos, concentrámos os nossos esforços na criação das vacinas. Pouca gente reconheceu que as desigualdades não só se mantinham, mas contribuía para acentuar o fosso que separa os países ricos dos do “terceiro mundo”.

Todavia, nem todos se calaram. Um dos que não só falou mas apontou claramente a absoluta necessidade de alterar as estruturas económicas, foi o Papa Francisco com a sua grande encíclica *Frateli tutti*. A encíclica mostra a premente necessidade de sermos solidários com os nossos semelhantes, e de basearmos a nossa acção no princípio da fraternidade universal. “Somos todos irmãos”. Uma das suas novidades consiste em afirmar a necessidade de convocar a todos para formar uma frente comum e, para isso, dialogar com crentes de outras religiões e de outras culturas. Associarmo-nos em iniciativas compatíveis entre si, criarmos associações múltiplas, esquecer lutas passadas. Envolver em acções semelhantes adeptos de todas as origens, não só das igrejas orientais em movimentos ecuménicos, mas também de outras religiões como o budismo, o islamismo, ou o judaísmo. A modéstia dos resultados alcançados não pode tirar-nos a coragem nem a esperança. Também o grão de mostarda é uma semente muito pequena, mas uma vez semeado, a seu tempo se torna uma grande árvore, onde os pássaros fazem os seus ninhos (Mat., 12, 31). É verdade que nada, a não ser a fé, nos garante a vinda do reino de Deus.

Nesse sentido não podemos ignorar que, dois mil anos depois de Jesus Cristo, continuamos a alcançar o progresso à custa do dinheiro e do poder. Quem os possui não hesita em empreender projectos predatórios, que destroem a natureza e dão lucros superiores e imediatos, em vez dos que beneficiam mais gente, mas só a longo prazo. É o que acontece com as despesas da educação e da saúde. Vicente Jorge Silva tinha a esperança de que os milhões dos mortos causados pela pandemia obrigassem a alterar os critérios de desenvolvimento consagrados pela sociedade moderna. Mas, passados dois anos, não parece que as estatísticas da mortalidade tenham sido suficientes para isso. A memória da mortandade convida-nos a manter o luto e a chorar os nossos mortos, mas isso não é suficiente para desacreditar as leis da economia moderna. Quem acredita na vinda do reino de Deus não pode deixar de consagrar a sua vida aos princípios da fraternidade universal consignados pelo Papa Francisco.

